

“NÃO É SÓ PELO CABELO”

Cabelo crespo e mulheres negras em busca do amor interior



“It is not just for the hair”: Black hair and black women in search for inner love

Denise Ferreira da Costa Cruz
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Professora Adjunta do curso de Antropologia | Redenção, Brasil
denisecruz@unilab.edu.br | ORCID iD: 0000-0001-6249-8041

Larisse Louise Pontes Gomes
Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Florianópolis, Brasil
larisse.louise@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-4165-1021

Luane Bento dos Santos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais | Rio de Janeiro, Brasil
luanebentosantos@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-2071-9373



Resumo

Este ensaio tem como objetivo apresentar perspectivas artísticas, sociais, políticas, culturais e antropológicas sobre o corpo e os cabelos das mulheres negras. Utilizamos poesias que tratam de dramas e traumas que perpassam a vida de mulheres negras, bem como poesias que colocam o corpo negro feminino no lugar de protagonista, de atuação contra práticas racistas e violentas. Trazemos reflexões a partir de pesquisas realizadas em diferentes períodos que tratam do fenômeno da construção corporal e capilar para mulheres negras no Brasil e em Moçambique. Mostramos experiências de mulheres negras no Brasil, Rio de Janeiro, Brasília e Maputo. Abordamos categorias nativas, como a noção de hierarquia capilar. Refletimos sobre os instrumentos que compõem a estética africana e afrodiáspórica, o imaginário e a subjetividade das mulheres negras.

Palavras-chave

identidade negra; mulheres negras; cabelo; Brasil-Moçambique; estética africana e afrodiáspórica.

Abstract

This essay aims to present artistic, social, political, cultural and anthropological perspectives on the body and hair of black women. We use poetry that deals with dramas and traumas that permeate the lives of black women, as well as poetry that puts the female black body in the place of protagonist in the acting against racist practices and violence. The paper brings excerpts from previous research carried out in different moments, as well as fragments of interviews conducted by the authors that deal with the phenomenon of body and hair construction amongst black women in Brazil and Mozambique. The experiences presented include black women in Brazil, Rio de Janeiro, Brasília and Maputo, through which native categories, such as capillary hierarchy, are addressed. The paper reflects on the instruments that are used to compose African and afrodiásporic aesthetics, imagery and subjectivity of black women.

Keywords

black identity; black women; hair; Brazil-Mozambique; african and afrodiásporic aesthetics.

Introdução

Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz
Cristiane Sobral

Só por hoje
Vou deixar o meu cabelo em paz
Durante 24 horas serei capaz
De tirar
Os óculos escuros modelo europeu que uso
Enfrentar a claridade
Só por hoje

Só por hoje
Durante 24 horas
Serei capaz
De contemplar o que sou

Só por hoje
Encarar a claridade
Sem as sedutoras lentes
Que nos ensinam
A desejar ser quem não somos

Só por hoje
Desafiar a claridade
Com os escurecimentos necessários
De um olhar “3D”

Só por hoje

Só por hoje

Vou deixar o meu cabelo em paz.

Mulheres negras. Cabelos crespos. Essas quatro palavras juntas possuem uma potência que comunicam o intuito do presente ensaio. Em 2010, quando víamos uma mulher negra com cabelos crespos nas ruas de Brasília, Rio de Janeiro, Florianópolis ou Maceió era comum que nos cumprimentássemos em um gesto de compartilhamento de significados que somente nós sabíamos o que representa. Esse cumprimento nos conecta a percepções que compartilhamos, nos fala de uma *fraternidade crespa*. Qual a potência que esse signo carrega? O que está por trás de um cumprimento a partir de uma textura capilar aparentemente banal, afinal cabelos são uma parte do corpo que grande parte de nós possuímos? Cabelos crespos para mulheres negras nascidas até os dias de hoje significam sentirmo-nos em paz ou em guerra com a nossa estética, como nos sugere Cristiane Sobral, no seu haicai cabelo

Haicai cabelo

Se o cabelo é só um pelo

Porque todo esse novelo

Na situação?

Se o cabelo é apenas um pedaço de pelo, por que guardamos neles tantas *complicações* e receios? Por que gera tanta repercussão quando acontece alguma mudança ou quando ele é apresentado de uma forma pouco “usual” - leia-se *não lisa*? As reflexões que seguem no presente texto abordam a capilaridade da temática que os fios encaracolados carregam. A partir de

experiências de pesquisa realizadas no Brasil e em Moçambique, analisamos emoções, beleza, encontros na internet, técnica, comércio e mercado de trabalho. Seguindo as tramas da beleza, problematizaremos e traremos pistas sobre políticas de ações afirmativas no meio corporativo; possibilidades de busca por reparação em meio a políticas de mutilação corporal; formas de emancipação a partir da estética e do amor interior. Com isso, afirmamos que cabelos crespos nos levam a sentimentos e emoções muito potentes e podem representar uma micropolítica revolucionária na cabeça de pessoas negras.

E assim, iniciaremos uma passagem por palavras que pensarão corpos intercontinentais a partir de uma perspectiva antropológica. O ensaio que aqui se faz presente será uma reflexão sobre corporalidades presentes no trânsito Brasília-Johanesburgo-Maputo-Rio de Janeiro-Fortaleza, Redenção a partir das experiências de mulheres negras do globo que contribuem para este exercício analítico. Dentre elas, uma das autoras que viajou pelas cidades do continente africano. Dessa maneira, buscamos lançar questionamentos sobre a contribuição de mulheres negras desses espaços e teremos como fio condutor os cabelos crespos que nos conectam e que remetem a sentimentos profundos e delicados. O cabelo será uma metáfora para pensar o corpo negro de mulheres negras. Sob a perspectiva de que ser uma mulher negra é pensar e sentir, construiremos uma narrativa onde a estética, para além da imagem, é uma ética.

O texto se estrutura da seguinte forma: na primeira parte abordamos como o corpo pode ser pensado como suporte para a produção artística. Falamos, então, sobre os desdobramentos de ser lida como uma mulher negra no Brasil e uma mulher mestiça em Moçambique. Em seguida, apresentamos reflexões provenientes da experiência de mulheres negras a partir de suas relações com as bonecas antes de discutirmos a hierarquia das texturas capilares. Finalmente, tecemos algumas considerações finais.

Corpo como suporte para a arte**pássaro**

impreciso

este corpo carrega a realidade

anda pára e pensa

apalpa a essência

escreve

presente

e cansa

(Alzira Rufino)

Nosso corpo é suporte para a inventividade e para a arte e carrega vários símbolos diacríticos de nosso pertencimento étnico. Nos cabelos, esta parte maleável e emoldurável, imprimimos formas de estar no mundo. Nossos cabelos falam se estamos em uma festa, se nos amamos, se temos dificuldade em lidar com sua textura, se optamos por buscar a liberdade. Ademais, podemos ver nas tatuagens de mulheres negras, uma expressão de nossa identidade negra, a ligação com a ancestralidade e resistências. As práticas de intervenção genital feminina são tema de debates acalorados em todo o mundo e dividem opiniões. As escarificações encontradas em alguns povos africanos contam a história das mulheres. Elas foram e são alvo de variados preconceitos.

São variadas as formas de conceber o corpo. Estamos falando de corporalidades. No plural. Mesmo entre você e sua irmã, o corpo se configura de forma diferente. Mas, mesmo com essas diferenças, percebidas entre cada sujeito, podemos elucidar questões que nos são compartilhadas. Como bem disse Grada Kilomba (2019), em *Memórias da Plantação*, nos sujeitos negros nos *“tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer parecer”* (p. 38). Assim, cabelo

cresto é lido como sujo, escarificações são lidas como feias, intervenções genitais femininas são lidas como proibitivas sem pensar em soluções rituais que as substituam, tatuagens são lidas como marcas de pessoas que estariam à margem da sociedade. Todas essas são formas de se expressar esteticamente. Muitas vezes, um penteado pode indicar status social, pertencimento étnico, dizer respeito a uma época e marcar aspectos político-identitários (GOMES, 2006, p. 26).

Nossas palavras farão ecoar as de muitas mulheres negras que pensaram/pensam o nosso corpo negro. Teoricamente, na experiência de vida e espiritualmente. Por essas razões, delinearemos uma reflexão produzida a partir da experiência de sermos mulheres negras na diáspora, bem como a partir de investigações sobre as percepções étnicas no continente africano. Nossas vozes não estão isoladas. Falamos com e a partir de mulheres negras: nos Estados Unidos, na América Latina, na Europa, em Moçambique e a partir de mulheres de Guiné-Bissau. Essas vozes múltiplas formam um palimpsesto de universos corpóreos que nos diz de diferenças e aproximações. É preciso falar daquilo que nos separa e nos faz singular, porque é na diferença que compomos mundos. Mas é preciso também falar do elo que nos aproxima. O colonialismo e seus efeitos sobre nossos corpos é um deles. O cabelo possui diversas formas de ser representado: erótico e generificado (valorização do cabelo grande - principalmente para mulheres); social (marca distinções sociais); exotérico (muitos mitos falam sobre o lugar dos cabelos). O cabelo seria parte do corpo? Ou estaria além dele. A queratina permite que os cabelos sobrevivam mesmo que o corpo padeça. Cabelos podem simbolizar uma profissão, uma casta, um estado, uma idade ou mesmo aspectos do inconsciente. Revela uma imagem de personalidade profunda.

Uma dessas mulheres que nos ajudam a pensar é a Beatriz Nascimento. Mulher historiadora, negra quilombola, Beatriz escreveu ideias muito potentes para o nosso lidar cotidiano. Lida que pode ser entendida

como o trabalho árduo que o corpo escravizado teve que vivenciar e que nos leva a outra mulher que teorizou sobre os cabelos. Foi lendo Nilma Lino Gomes, pedagoga, ex-ministra no Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, durante o governo Dilma Rousseff, que percebemos que essa lida remete à luta, ao esforço, à superação, à resistência e às relações de poder.

Dessa maneira, a diáspora africana, esse espaço corpóreo formado por homens, mulheres, enfim, pessoas negras, é parte constitutiva do continente África. Esse continente imenso e cheio de histórias. Algumas dessas histórias interrompidas, outras apropriadas, foi e é espaço presente no imaginário negro brasileiro e latino-americano que se transforma e se recria no fazer, ser e sentir. A diáspora forma aquilo que Lélia Gonzalez (1984) chamou de Améfrica: processo de africanização do continente americano. Assim, é importante considerar que somos um espaço-corpo da África no Brasil. Quando pensarmos em uma constituição de povo, devemos incluir nele o continente africano – nossa Mãe África – e toda a diáspora. O espaço-corpo que compõe as Américas negras constituem, assim, a sexta área do continente africano. A seguir, apresentaremos algumas ideias sobre o encontro entre mulheres negras brasileiras e mulheres negras africanas a partir da experiência de uma das pesquisadoras para realização de sua pesquisa de doutorado. Chamamos esse encontro de *colorismo transatlântico*¹ e é sobre ele que falaremos agora.

Colorismo transatlântico

“hasta aquí, hasta llegar a mí

¹ O termo colorismo transatlântico é uma ideia orgânica em tempo de decantação. Escrito pela primeira vez por Cruz (2020) ela fala desse fluxo de pessoas africanas e afro-diaspóricas nas Américas e no continente africano e as produções de diferenças que as mesmas elaboram com esse encontro racializado. Como conceito orgânico, ele será esboçado aqui e em artigos que virão a fim de que as ideias possam ter seu tempo de maturação.

(...) você diz reconhecer
o gosto de amar que trago na boca
os tons de terra que trago na pele
fácil perceber então que
atravessamos percorremos
os mesmos oceanos os mesmos continentes
hasta aquí

: somos filhos da África
e tudo que contamos através dos nossos corpos
fala sobre nós, mas no profundo da memória

guarda nossos ancestrais.”

(Lubi Prates)

O que significa dizer que África comporta espaços físicos para além do continente? Quais as implicações dessa afirmação? Quando fui pela primeira vez a Maputo, capital de Moçambique, eu tinha construído um espelho que precisava ser ajustado. Um espelho distorcido: depois de anos negando minha negritude eu a assumi inspirada por uma estética africana. Ou seja, se quando eu era criança eu não via no espelho o que via na televisão – corpos de mulheres brancas, muito brancas, muitas delas loiras dos olhos azuis, esse vazio de imagens produzidas sobre minha corporalidade era vivenciado de maneira muito dolorida. Eu não me achava bonita, amável nem inteligente. Virgínia Bicudo (2010) fala do sentimento de auto ódio que a população aprende a cultivar sobre si. E eram esses os sentimentos que aprendi a nutrir sobre mim. Digo que aprendi porque as noções de beleza e correto são construídas socialmente. Aprende-se a se amar, aprende-se a se odiar. Se durante a minha infância eu nutria esse sentimento de auto ódio, aos poucos fui tendo contato

com uma formação nos espaços dos movimentos negros de Belo Horizonte onde valores de autoestima me foram ensinados. Estava, aos poucos, aprendendo a me amar, a valorizar minha imagem e o que eu era. Quando fui me descobrindo negra, eu me via em fotografias de mulheres africanas e assim me identificava com elas esteticamente. Criei para mim uma estética a seguir, um espelho onde finalmente eu poderia me enxergar.

Qual não foi a minha surpresa quando minhas interlocutoras de pesquisa em Maputo não me identificaram como uma delas, ou quando eu descobri que meus cabelos são os mais desejados entre elas? Compreendi que ser mestiça em uma capital multiétnica e com configurações complexas têm seu mel e seu veneno. Precisei olhar para mim novamente, pensar meu corpo e minha identidade e entender que corpo negro era o meu no mundo, e que agora se tornava ainda mais visto. O tom de terra que trago na minha pele me faz uma mulher negra no contexto em que nasci. Esse mesmo tom de terra em solo moçambicano me faz ser lida como mestiça ou mesmo mulungo (branca). Quando penso em meus cabelos, penso no sofrimento que senti quando era uma criança desprotegida e que odiava a sua textura capilar. Mas quando me coloco em contato com mulheres africanas vejo que a indústria dos cabelos e o racismo científico do século XIX elegeu um cabelo que é mais bonito do que outro. Que existe uma hierarquia das texturas (CRUZ, 2019, p.116).

Chamo de colorismo transatlântico esse encontro que não é somente meu, mas de várias pesquisadoras, artistas, escritoras e pessoas de diversas áreas do conhecimento que têm ido ao continente. A noção de colorismo cunhada por Alice Walker (1983) fala da diferença de pigmentação que mulheres negras em um mesmo espaço territorial apresentam, sendo estas usadas para o privilégio de umas em detrimento de outras. Assim, mulheres de pele mais clara teriam acesso a empregos melhores do que as mulheres ditas retintas. Quando nos deparamos com mulheres africanas vemos que o universo da beleza nos coloca em uma hierarquia.

No caso de Maputo, Moçambique, ser mestiça significa ser bonita, possuir uma beleza e cabelos almejados e ser uma pessoa sem pátria. Que não pertence a esse país. Mel e veneno são experimentados por esse corpo dito mestiço e, se por um lado, mulheres com esse fenótipo são cobiçadas, elas não conseguem empregos que não sejam considerados a partir da sua estética. Da mesma forma, ao me relacionar com amigas africanas vejo que elas desejam cabelos como os meus e estão sempre buscando a textura cacheada para seus cabelos crespos. A mesma angústia sentida por várias mulheres negras brasileiras que gostariam dos seus cabelos lisos é sentida por mulheres africanas que querem seus cabelos cacheados. Colorismo transatlântico é assim, o encontro entre estéticas que foram modificadas no tempo e no espaço e que se conectam e se relacionam cada vez mais. Essas estéticas ora representam espelhos uma para a outra, ora representam hierarquias; ora se aproximam, ora se distanciam. O importante é que elas estão se correlacionando, contaminando-se e aprendendo mutuamente. Na próxima seção, falaremos sobre como a infância está interligada com as mulheres que nos tornamos hoje.

Reflexões sobre a infância a partir das trajetórias de mulheres negras – aqui e alhures

se me arrancaram pela raiz

forço uma cartografia

desejando a terra

porque os mares já me falaram absurdos

sendo apenas o caminho:

jamais alguma pista de destino.

Se me arrancaram pela raiz

forço uma cartografia
desejando a terra

deito meu corpo no chão
naquele exercício pré-escola de
circundar minha mão
meus braços
pés pernas cabeça

para criar limites e dizer: eu
para criar um território e dizer: eu
para criar um mapa e dizer: eu

se me arrancaram pela raiz
forço uma cartografia
desejando a terra
pois sobraram as sementes.

(Lubi Prates)

A infância se configura em nossas vidas como um momento muito delicado, de formação de processos subjetivos importantes. Grande parte do nosso material para a realização da pesquisa se deu com trajetórias de mulheres negras que rememoravam sua infância para refletir sobre a pessoa que se tornaram. Por isso, era por essas trajetórias que iniciávamos as entrevistas. Era a partir de uma narrativa de reminiscências que começávamos a nos conhecer.

Na minha infância a imagem do meu cabelo sempre foi negativa porque nem todo mundo aceita a gente como a gente é, né? E amigos sempre falavam que meu cabelo era duro, tonhoso. Essas brincadeiras de mau gosto, né? A maioria foi amigos de colégio. Amigos de colégio de ensino fundamental, eles sempre brincavam e tinham umas brincadeiras chatas assim: Aí tonhoso, se jogar ali bate e volta. Se jogar alguma

coisa [...] Essas brincadeiras assim fazem com que a gente não goste do nosso cabelo (Sele², 2010).

Quando falamos de infância de mulheres negras, surge uma vulnerabilidade que possui contornos próprios. Uma criança começa a se olhar no espelho e a confrontar os valores que aprende com aquilo que ela vê projetado. Esse confronto se apresenta como um processo doloroso de não identificação com ideais de beleza ocidentais. O processo de auto ódio mencionado por Virgínia Bicudo (2010) se inicia desde muito cedo na vida das crianças negras. No ambiente da escola, somos insultadas com apelidos e “brincadeiras” que nos humilham e nos constrangem. Nossos cabelos são comparados a objetos de limpeza, vassouras e outras formas pejorativas de tratamento e comparação. Mesmo no interior de nossas casas, entre nossa mãe e tias, nem sempre somos acolhidas em nossa singularidade. O cuidado com os cabelos é feito sob reclamações de que esse seria difícil e trabalhoso. As tranças produzidas nos nossos cabelos eram feitas com puxões e um pouco de agressividade. Essas práticas apresentam formas de aprendizado não amoroso com o nosso corpo.

Quando fomos crianças utilizamos nosso tempo para brincar, ao menos idealmente. Um objeto que fez parte desse período e da infância de várias meninas é a boneca. Objetos realistas, que imitam o corpo humano em seus detalhes, esses brinquedos impactam a forma como enxergamos o mundo. Por muito tempo, e ainda hoje, as bonecas encontradas nos mercados brasileiros e africanos são loiras, de olhos azuis e tez clara. Algumas bonecas receberam críticas quanto a essa estética, o que levou seus fabricantes a lançarem bonecas de cabelos pretos, cabelos cacheados e pele escura em algumas das suas coleções. Mas essa realidade está longe de ser hegemônica, mesmo contemporaneamente. A indústria de bonecas sabe o peso que os cabelos possuem para o seu público. Brincar com os cabelos é uma prática tão querida entre as crianças que marcas de bonecas

² Nome fictício.

lançaram modelos onde pentear os cabelos era o principal atrativo do brinquedo. Assim, conhecido na literatura como *hair play*, brincar com o cabelo se tornou rentável e passível de exploração comercial. As crianças passam horas do seu dia penteando cabelos. Cortam, trançam, destrançam. Muitas vezes, essas bonecas apresentam características de pessoas adultas e a criança, através das brincadeiras, projeta o desejo do vir a ser sobre o universo adulto.

Além de se saber que essa brincadeira é uma das preferidas entre as crianças, sabe-se que muitas delas vivem a angústia de não se ver naqueles brinquedos. Podemos falar que bonecas funcionam como objetos-espelhos, uma vez que ao brincar permitem a projeção de ser, ao menos, por um instante. As implicações dessa projeção são muitas e merecem reflexão quando observamos as marcas que se fixam no imaginário de mulheres adultas que brincaram apenas com bonecas brancas. Como bem sintetizou Juliette Smèralda (2004), vivenciamos em nossas trajetórias agressões verbais, químicas e biológicas. Muitas das nossas interlocutoras mencionaram suas brincadeiras com bonecas brancas e cabelos lisos. Esse objeto de plástico não biodegradável impõe-se de maneira violenta sobre a subjetividade daquelas que brincam. No caso dos países africanos, muitos dos corpos brancos que se retiraram do continente com as independências tiveram nesse objeto o retorno neocolonial de uma estética dominante. As bonecas brancas entram para assolar o imaginário das crianças que ninam bebês de olhos azuis e brincam com bonecas magérrimas e brancas.

De acordo com Deborah Graysson (1995), as bonecas disponíveis para compra representam um modelo patriarcal e capitalista de produção do desejo. Muitas bonecas consomem roupas, sapatos, carros e casas de luxo que estão longe da realidade da maioria das crianças do globo. Mas a autora admite que as brincadeiras podem subverter essa lógica, afinal, fabula-se muito no enquanto se brinca. Foi exatamente o que encontramos entre as interlocutoras moçambicanas.

Muitas delas, ao pentear os cabelos das bonecas, o fazia trançando-os. Este fenômeno também se repete na vida de mulheres negras brasileiras e da diáspora: uma das autoras deste texto também teve, durante a infância, o mesmo tipo de experiência com as tranças: trançava suas bonecas para que os cabelos se aproximassem mais dos cabelos crespos da população negra.

Como vimos, as tranças ocupam lugar especial no patrimônio imaterial africano e afro-brasileiros (SANTOS, 2019). Muitas mulheres aprendem a trançar desde pequenas e podem aprimorar as técnicas ao longo de suas vidas. Algumas se destacam na atividade e transformam a atividade de trançar em profissão. Em Maputo, capital de Moçambique, muitas mulheres falam que gostam de fazer *complicações* em suas cabeças. *Complicações* é o termo utilizado para falar de tranças mais elaboradas, feitas a partir de tramas complexas e geométricas. Ao trançar os cabelos das bonecas brancas, não estaríamos querendo torná-las mais próximas de nossa estética? Além disso, não estaríamos respondendo à violência que esse objeto nos impõe? Brincar com os cabelos não é uma brincadeira banal. Ela imprime em nossa singularidade a concepção do que é belo e o que é ser mulher.

Em 2006, o nigeriano Taofick Okoya foi comprar um presente de aniversário para a sua sobrinha e encontrou somente bonecas brancas no mercado. Assim, decidiu criar bonecas africanas de pele escura, cabelos trançados e que portam vestimentas africanas. Suas bonecas representam as três maiores etnias nigerianas: Haussa, Igbo e Yoruba. Essa iniciativa, obviamente muito louvável, gera, contudo, outro problema: como representar toda a diversidade nigeriana a partir das bonecas? E as outras etnias encontradas em seu país? Por que elas ficaram de lado? Outras bonecas conhecidas internacionalmente lançam novidades e formas de representar a diversidade humana. Da mesma forma, uma artista estadunidense compra bonecas brancas e as torna negras mudando a cor da pele e a textura dos cabelos. Essa iniciativa, contudo, abre uma questão

infinita e que não pode ser surpreendida, em sua multiplicidade, por bonecas. Não seriam bonecas com formato humano, uma forma que molda um jeito de brincar, sempre baseadas no realismo? Lembremos de bonecas de pano, de barro ou de material vegetal cuja aparência humana não é realista. Essas, ao contrário das bonecas humanas, possibilitam a fabulação da criança, que ela tome caminhos que não são moldados pela estética que estabelece o que é o belo. Bonecas realistas já definem os caminhos das brincadeiras infantis. Bonecas sem feições humanas incitam a criatividade. Da mesma forma, nos perguntamos quem tem acesso a essas bonecas? Bonecas são objetos caros e nem todas as pessoas têm acesso a elas. Muitas vezes são objetos de desejo e geram ansiedade nas crianças que não podem tê-las.

Temos entre as possibilidades de bonecas uma que se tornou muito comum nos movimentos negros brasileiros, a partir das mãos de uma artista que a popularizou: as Abayomis. Criada por Waldilena Martins, a boneca recebeu uma história que a acompanha a partir de relatos orais. Segundo contam, as mulheres escravizadas em navios negreiros arrancavam parte dos tecidos de suas roupas para confeccionar bonecas para crianças que se perdiam de suas mães. Abayomi, que na língua yorubá significa “o presente precioso” era acalanto para essas crianças que logo ficavam menos amedrontadas com toda a situação. Com traços humanos, mas sem detalhes estéticos, essas bonecas representam um afago para aquela que as carregava, evocando na imaginação das crianças algo muito importante e passível de uma construção imagética de si e do outro que as bonecas de plástico não provocam.

Como podemos perceber, a infância de mulheres negras é atravessada por experiências de racismos e ausência constante de representações positivas sobre seus corpos e cabelos. A criação de bonecas negras por empresários e artesãs negras é uma tentativa de responder e romper com a ordem racializada que coloca

o corpo negro feminino no lugar de inferioridade, feiura e estigmas. Como argumentou Lélia Gonzalez em seu clássico texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de 1984, estamos nas latas de lixo da sociedade, e por essa razão é preciso falar, que “o lixo vai falar” (mulheres negras falarão). Na próxima seção, discorreremos em torno das hierarquias capilares.

Hierarquia das texturas

Ferro

Primeiro o ferro marca
a violência nas costas
Depois o ferro alisa
a vergonha nos cabelos
Na verdade o que se precisa
é jogar o ferro fora
e quebrar todos os elos
dessa corrente
de desesperos.

(Luiz Silva)

Há um objeto sobre o qual ouvíamos falar muito quando éramos crianças: o pente quente ou ferro quente. Iniciamos esta seção com esse objeto porque sua presença fala de memórias vivas que marcam nossas psique. Presente nas periferias negras do Brasil, no interior dos países africanos e na memória das mulheres negras mundo afora, o pente quente ou pente de ferro é um objeto-sacrifício: com ele deixamos queimaduras em nossa pele e com ele lutamos para termos um cabelo liso. Se puxarmos em nossas memórias lembraremos que ele fritava o cabelo e emitia um cheiro muito ruim, que lembra cheiro de carne queimada. Quando o utilizávamos, ele soltava uma fumaça, o que faz com s sua memória nos remeta, muitas vezes ao sofrimento. Mas rememorar o uso do pente de ferro não nos conectar somente à tristeza, mas também, como nos lembra bell

hooks (2005), a um momento entre as pernas das nossas tias ou irmãs e de troca de afetividades em família.

O ferro quente ou pente quente, nos diz Cláudia Silva (2008), pode ser lido como objeto de tortura. Isso porque ele significa a anulação de uma identidade – negra – e a imposição de outra – branca – e deixa marcas de queimadura na pele. Essas impressões nos remetem às marcas que os senhores de escravo deixavam nas peles dos seus objetos-gente. Carne marcada como gado, desumanizava e desumaniza nossos corpos. O pente de ferro pode ser entendido como extensão dessa memória dolorida, pois divide o mundo entre “nós” e “eles”. E apaga nossas diferenças dentro do nosso próprio universo, que é rico e diversificado. Observe sua família, quantas texturas são possíveis de encontrar na estrutura capilar? Quantas possibilidades e diferenças temos entre nós mulheres negras? Na textura da pele, nos traços corporais, na textura do cabelo. O “nós” que esse tipo de objeto cria remete ao normal, ao belo e ao desejado. Enquanto o “eles”, que somos nós mulheres negras, são relegadas ao sujo, ao impuro, ao feio e ao indesejado. O pente quente, objeto de tortura, foi atualizado pelo uso de produtos químicos que ferem o couro cabeludo e que são absorvidos pelo sistema sanguíneo como toxinas.

As origens da representação negativa do cabelo crespo nos remetem ao século XVIII. Cientistas evolucionistas dessa época hierarquizavam as “raças” humanas e as categorizava, a partir da pigmentação da pele, da textura do cabelo e da estrutura do crânio e do corpo. Essas formas de conceber os nossos corpos se mantêm nos dias de hoje e se atualizam a partir de novas formas. Recentemente, o cabeleireiro da famosa apresentadora estadunidense Oprah Winfrey criou, no site *Naturally Curly*, uma tabela que categoriza os cabelos crespos no mundo inteiro. Segundo essa tabela, os cabelos iriam do mais liso ao mais crespo a partir de números e letras que as definem. Assim, os cabelos ondulados seriam categorizados como 2A, 2B, 2C; 3A, 3B, 3C sendo os cabelos cacheados; 4A, 4B, 4C indo do crespo ao crespíssimos.

Essa categorização lembra as tabelas produzidas por cientistas do século XIX, o que Kabengele Munanga (2020) chama de pseudociência, que classificariam os cabelos crespos de africanos. O primeiro aspecto para o qual chamo atenção é que cabelos são mais diversificados do que apresenta essa tabela apresenta. Isso é atestado por discussões em sites sobre cabelos crespos nas quais as interlocutoras afirmavam não saber classificar suas madeixas a partir da referida classificação. Além disso, como apontado anteriormente, essa é uma atualização de formas de classificar que hierarquizam texturas e formam signos corporais.

Muita tinta foi gasta para falar dos efeitos danosos das teorias da democracia racial. Sabemos que ela não passa de uma farsa que escamoteia as relações de poder que encontramos no seio da sociedade brasileira. Ao contrário desse paraíso idílico onde pessoas negras e brancas convivem pacificamente, gostamos de pensar no “apartheid de afetos” que surgem quando há encontros entre corpos-mundos: língua, corpo, cor da pele, textura do cabelo. Se temos em nossas famílias pessoas brancas, negras e indígenas, sabemos que nosso fenótipo criará uma relação de rejeição, interdição ou de aceitação. Falando de forma direta, é muito comum que se ouça que é preciso embranquecer a família a partir de casamentos com pessoas brancas.

Hoje, muitos movimentos negros têm se alastrado pelo país provocando uma verdadeira revolução interna em corpos e mentes de pessoas negras. Crianças estão aprendendo a amar seus cabelos desde muito pequenas. Podemos pensar, por exemplo, em Mc Elis³, Madureira (RJ), MC Sofia – que iniciou sua trajetória artística cantando rap sobre sua realidade de menina negra – ou nos eventos promovidos pelo grupo Os Crespinhos. Essa

³Veja a reportagem Conheça Elis, a menina de 5 anos que roubou a cena dançando no Latinidades. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/08/01/interna_diversao_arte,542598/conheca-elis-a-menina-de-5-anos-que-roubou-a-cena-dancando-no-latinid.shtml.

mudança, nada silenciosa, pode ser indício de que se construa não um “apartheid de afetos”, mas um amálgama de sentidos. O corpo negro é positivado, as pessoas valorizam esse corpo e querem amá-lo. Claro que essa é ainda uma utopia. Mas o que seria de nós se não fabulássemos sobre os mundos que queremos?

Em Maputo, capital de Moçambique, é possível presenciar o cotidiano de mulheres, sobretudo de classe média, e seus rituais de cuidados com os cabelos. Geralmente instaladas na parte de fora da casa ou no quintal, o momento de cuidar do cabelo é partilhado com as mulheres da família ouvindo música, vendo videoclipes e conversando ou bebendo sua bebida preferida. Dentre as conversas, estão presentes debates sobre o cuidado com a família e os filhos e as relações com os maridos. Esse momento é vivenciado a partir de variadas trocas: de afetos, do toque e da suspensão do tempo. O toque é algo compartilhado entre mulheres. Uma se acomoda entre as pernas da outra e sente o afago em suas cabeças. O tempo dedicado à beleza, suspende o tempo da dedicação ao trabalho.

Nossa inserção entre alunas guineenses e brasileiras, a partir do projeto de extensão ⁴ Vozes Da África – realizado em 2018 e coordenado junto a Prof^ª Dr^ª Artemisa Odila Candé na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) –, permitiu-nos pensar em representações distintas de formas de perceber a beleza. Isso que chamamos de colorismo transatlântico – a saber, o encontro de cor da terra que tingem nossos corpos a partir do contato intercontinental – constitui-se em encontro que produz dilemas identitários, desencontros e aproximações entre mulheres que possuem diferentes perspectivas de negritudes. A discriminação de raça recebe o nome de racismo, a discriminação de gênero pode receber o nome de sexismo. Para tudo temos uma explicação e teorizamos sobre todas as formas de relações

⁴ O projeto de extensão foi encerrado, mas a pesquisa continua em desenvolvimento sob a coordenação da Prof^ª Dr^ª Denise Costa, e envolve estudantes da UNILAB.

existentes. Segundo um interlocutor guineense participante do projeto, no continente africano as pessoas vivem. Simplesmente vivem. E não procuram explicações para aquilo que praticam.

As alunas do projeto afirmaram se verem como negras apenas a partir da sua chegada no Brasil. Os signos diacríticos de diferença em Guiné-Bissau são étnicos, sendo esses atravessados por signos daquilo que chamamos de raça. Para pensarmos as formas de racialidades encontradas, se as nossas amigas africanas precisam apreender o significado de ser negra no Brasil, nós, mulheres negras brasileiras, precisamos apreender a complexidade da composição africana. A complexidade das construções estéticas marca mulheres negras no continente africano e na diáspora. Por isso, é preciso pensar nessas complexidades e nas teias de significados que damos aos cabelos e aos corpos. O que queremos dizer, o que sentimos, o que temos feito com os nossos corpos? Como temos confrontado as hierarquias capilares, raciais e sociais dentro desses diversos contextos distintos, mas que nos aproximam?

Considerações finais

O objetivo desse ensaio não é dar respostas ou encerrar discussões que há muito tempo encontram-se em desenvolvimento. Aqui, descrevemos um conjunto de elementos e experiências que constroem um processo árduo que tem como fim o massacre da subjetividade da população negra para provocar e sedimentar o auto ódio e o não reconhecimento de si.

No Brasil ou em África, as mulheres negras têm sentido o peso de uma sobreposição do vazio. Corpos negados, bonecas brancas que são fantasmas coloniais e narrativas que se encontram e que iniciam a partir de brincadeiras de crianças; reminiscências de sofrimento e resistência simultaneamente são expressões desse processo caracterizado pelo não ser.

Ainda assim, a partir dos olhares das três pesquisadoras negras que aqui escrevem, o amor interior, como bem trata hooks (2010), emerge como ferramenta de uma busca de si, de uma recomposição de seus corpos metaforizados pelos cabelos crespos, destacando-os com a importância que eles têm na reorientação do projeto de construção de uma imagem positiva de nós mesmas. Ainda assim, vale lembrar, não é só por cabelo, nunca foi.

Referências bibliográficas:

- ANJOS, José Carlos dos. 2017. “Comentários à Mesa Redonda “Mestiçagens e (Contra)Mestiçagens Ameríndias e Afro-Americanas””. Revista de Antropologia da UFSCar -RAU. p. 213-217.
- BICUDO, Virgínia Leone. 2010. “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”. In: Marcos Chor Maio (org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- GOMES, Nilma Lino. 2006. “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra”. Belo Horizonte: Autêntica.
- GONZALEZ, Lélia. 1984. “Racismo e Sexismo na cultura brasileira”. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo: 223-244.
- GRADA, Kilomba. 2019. “Memórias da Plantação: episódios de racismo no cotidiano”. Rio de Janeiro: Cobogó.
- hooks, bell. 2005. “Alisando nossos cabelos”. Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y Artista de Cuba.
- hooks, bell. 2010. “Vivendo de amor”. Tradução: Maísa Mendonça. Portal Geledés, 2010. Acesso em 09 de março de 2021. <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>
- MUNANGA, Kabengele. 2003. “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e

etnia”. In: 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESBRJ.

_____.2020. “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra”. Belo Horizonte: Autêntica.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. 2006. “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”. In: RATTTS, Alex. Eu sou Atlântica. São Paulo: Imprensa Oficial, Kuanza.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. 2008. “Cabelos e memória no museu da maré: reflexões sobre usos e significados do pente quente”. Anais do Museu Histórico Nacional v. 1. (1940). Rio de Janeiro.

SMÉRALDA, Juliette. 2004. “Peur noire, cheveu crépu – l’histoire d’une aliénation”. Éditions Jasor, Point-à-Pitre”.

SOBRAL, Cristiane. 2014. “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”. Brasília: Ed. Teixeira.

WALKER, Alice. 1983. “If the present look likes the past, what does the future looks like?” In: _____ Search of our mothers gardens: 291-293.